



A EDUCOMUNICAÇÃO E SUA PROPOSTA¹

Edielson Ricardo da SILVA²

Maria das Graças Amaro da SILVA³

Universidade Federal de Campina Grande, PB.

RESUMO

O presente artigo visa explicar e ampliar os conhecimentos sobre a educomunicação, área cada vez mais debatida e que se amplia de forma crescente na América Latina. De forma direta e objetiva resume-se a definição desse novo campo de intervenção social como uma meta que se deve construir a cidadania, onde todos possam ter o direito à expressão e à comunicação, de forma que produzam conhecimento e questionem esse conhecimento, que a construção do saber seja de forma dialógica, aberta, democrática e criativa, que seja um olhar diferenciado quebrando assim, a hierarquia na distribuição do saber. Com a inter-relação com a educação e comunicação, surge também um novo profissional: o educador, profissional apto a atuar nessa nova área, trabalhando na convergência entre as ciências da educação e as ciências da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Comunicação; Educação; Intervenção Social.

1- INTRODUÇÃO

O tema aqui proposto aparenta ser estranho, novo e um pouco complexo talvez, pois pouco se sabe sobre educomunicação. Porém, o assunto já vem sendo debatido há algum tempo. Poucas pessoas sabem realmente o significado dessa palavra, e qual realmente é o seu objetivo enquanto área de intervenção social. A Educomunicação pode ser definida a partir do seguinte conceito:

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior na Divisão Temática DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação do 4º semestre do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da UFCG, email: edielsonricardo@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, professora doutora do curso de Comunicação Social (Educomunicação) da UFCG, e-mail: graça.maro@hotmail.com



O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádios educativas, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação à distância ou e-learning”, e outros (SOARES 2000, p.115).

Desta maneira, constata-se que todos são capazes de produzir conhecimento e serem agentes participativos do processo de construção de conhecimento em diversos setores e áreas. Além da educomunicação proporcionar e estimular o sujeito a pensar, desenvolve a consciência e o senso crítico. Assim sendo, o receptor não passaria a ser sempre passivo, onde tudo que lhes é mostrado é aceito sem reflexão, nem análise alguma do conteúdo, sendo totalmente influenciado pela mídia. Fala-se também sobre os ecossistemas comunicativos, esse ecossistema citado seria nada mais do que as relações sociais que as pessoas desenvolvem nos diversos ambientes em que convivem e possuem livre acesso e, a partir dessa realidade social, se deparam com normas e regras que devem ser seguidas nesses processos comunicativos.

A educomunicação propõe estimular os sujeitos a terem maior capacidade de expressão e participação e, conseqüentemente, melhorar a compreensão dos conteúdos que estão sendo passados seja na escola formal ou não questionando e refletindo sobre.

A educomunicação não está totalmente ligada às escolas como é de costume muitos associar a palavra unicamente para o lado da educação. Pode-se trabalhar em vários ecossistemas comunicativos que, como se destaca, em emissoras de TV, rádios educativas, espaços educacionais presenciais ou virtuais e etc. (SOARES 2011, p. 34).

Ismar destaca em seus escritos que não se pode trabalhar de forma individual em uma atividade ou projeto educacional, levando em conta que um dos principais objetivos desse novo campo de estudo é a participação, a autoestima e a democratização.



Portanto, todos devem estar envolvidos nesse processo de construção de conhecimento, onde o saber será construído de maneira mútua e recíproca.

As tecnologias devem estar a serviço da comunidade, e ser gerida de maneira democrática. Proporcionando a percepção de dominar as linguagens da comunicação e expandindo a capacidade de produzir informações e não apenas consumir desenvolvendo uma formação contínua de cidadãos comprometidos e críticos na construção de uma sociedade mais ativa e participativa da sociedade.

É necessário assim, desenvolver em todos os ambientes o processo dialógico, o qual deve estar presente nas relações por fazer parte do homem e dessa maneira se desenvolver de maneira horizontal e não verticalizada.

Diaz Bordenave (1980, p. 45) assinalou três modelos de educação, o qual chama os dois primeiros de modelos exógenos porque foram concebidos sem levar em conta o destinatário, visto que nesses modelos a educação enfatiza os conteúdos e os efeitos. Já no modelo endógeno a educação enfatiza o processo. O modelo que prioriza o processo, não se desprende dos conteúdos nem dos efeitos, o resultado final não será encontrado no sujeito e sim no processo individual do educando.

A educação que dá ênfase aos conteúdos equivale à educação tradicional, onde os professores passam os conteúdos e alunos devem aprender sem questionar ou discutir. São os conhecimentos que são passados de uma geração a outra, do professor (ou comunicador), o instruído, “o que sabe”; cabe ensinar ao ignorante, o que não sabe. Paulo Freire (1979, p. 52), ao analisá-la, diz que “esse modelo serve para domesticação do homem”. Nela, aponta o autor:

O educador é sempre quem educa e o educando o que é educado. O educador é sempre quem fala e o educando quem escuta. O educador escolhe o conteúdo dos programas, o educando obedece e segue a prescrição. O educador é sempre quem sabe e o educando aquele que não sabe. O educador é o sujeito do processo e o educando é o objeto do processo (FREIRE 1979, p. 52).



Os eixos aqui se voltam todos para o professor, e que o mesmo considera importante, tendo muito pouco diálogo e participação dos discentes nos processos de aprendizagem. Além de que as experiências de vida dos alunos não são valorizadas e sim apenas a dos professores. Os alunos passam então a ser meros ouvintes, leitores, ou até mesmo público, se sentido inferior, inseguros e sem autoestima. Em suma, o objetivo principal é fazer com que o educando aprenda.

A educação que dá ênfase aos efeitos é a que consiste em “moldar” a conduta das pessoas com objetivos previamente estabelecidos. Esse modelo visa tão somente formar cidadãos com conceitos já determinados, sem que o mesmo possa ter ou vir a desenvolver outras características que não sejam aquelas que esse modelo determina.

A educação que dá ênfase ao processo destaca a importância do processo de transformação da pessoa e das comunidades. Nesse modelo observa-se que não existe preocupação tanto com os conteúdos a serem comunicados nem com os efeitos comportamentais, nem muito menos com a interação entre as pessoas e a realidade na qual estão inseridas.

Freire (2002, p. 31) enfatiza que: “É esse processo dialógico que permite que a cultura de ambos seja respeitada, inclusive, conhecida, colaborativamente”. Ou seja, a partir do momento que se é desenvolvido o respeito e a oportunidade de conhecer a realidade do outro surge o conhecimento e a compreensão, isso proporciona a pluralidade de assuntos, uma compreensão mais detalhada, questionamentos e aprendizagem, propicia a abertura de questões, compartilhamento de ideias e etc. Ao existir essas relações o homem se emancipa, deixando de ser privado do conhecimento e de sua realidade. Portanto, o diálogo é uma prática de liberdade e condição necessária para a construção e disseminação do conhecimento. Assim declara Freire (1979, p. 69): “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas o encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. A educação é comunicação, no momento que se educa desenvolve-se a comunicação e essa precisa estimular e desenvolver os alunos a se expressarem não somente nas escolas, mas em todos os ambientes que vão desde os centros educacionais até as conversas informais que temos em nosso cotidiano, sendo ou não nos espaços educativos, o diálogo é a base fundamental para uma boa compreensão e um bom relacionamento entre as pessoas que estão em um determinado ambiente, por isso com o



auxílio das novas tecnologias constata-se que elas vêm para contribuir em muito nesse processo comunicativo principalmente quando se refere aos espaços educativos formais, contata-se a necessidade de se implementar tais recursos.

2- NOVAS TECNOLOGIAS NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E NÃO EDUCATIVOS

As novas tecnologias estão a cada dia mais presentes em nossas vidas. Em todos os locais e em todos os ambientes estamos ligados a elas. E não se pode ignorá-las nas instituições educacionais, ONGs, Centros Culturais. Se as pessoas estão tendo mais acesso a computadores, câmera digital, produção de vídeos, acesso a internet e etc. esses recursos não podem ser ignorados nas instituições educacionais nem tampouco nos demais locais que se trabalha com projetos educativos e comunicativos.

Ismar (2011, p. 43) cita 6 áreas de atuação da educomunicação e define esse campo como um conjunto de ações cuja finalidade é integrar as práticas ao estudo sistemático dos sistemas de comunicação, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos. As áreas constituintes da educomunicação são:

- 1- Área da educação para a comunicação: consiste na análise e reflexão entre a comunicação e seus processos, seja no nível interpessoal e grupal, quanto no nível organizacional e massivo. Tendo como objetivo o estudo dos meios de comunicação e seu impacto;
- 2- Área da expressão comunicativa através das artes: atenta para as maneiras de manifestação artística da comunidade e o potencial criativo de cada um;
- 3- Área da mediação tecnológica na educação: visa a implementação e os procedimentos usados e reflete sobre a presença das tecnologias da informação e seu diverso uso pela comunidade seja nos espaços educacionais formais ou não;
- 4- Área da pedagogia da comunicação: preocupa-se com a educação formal (o ensino escolar). Fica junta ao cotidiano docente e discente, pensando na ação e desenvolvimento de projetos que executem com o auxílio do professor e do aluno;
- 5- Área da gestão da comunicação: trata do planejamento, execução e realização de procedimentos e processos que criam os ecossistemas comunicativos.



Aqui, torna-se indispensável, a presença de um especialista, de um coordenador, de um gestor para desenvolver essas atividades;

6- Área de reflexão epistemológica: compreende a reflexão e sistematização de experiências, mantendo a atenção especial à coerência entre teoria e prática.

Percebe-se então o grau de importância que cada área da educomunicação possui e que cada uma atenta para subáreas, a participação, e os meios de comunicação também são de fundamental importância para que se desenvolva um trabalho eficaz nos diferentes locais que se forem desenvolver tais práticas.

(...) a televisão, o cinema e o vídeo, CD ou DVD, os meios de comunicação audiovisuais, desempenham indiretamente um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações interpretadas, mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros. A simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto (MORAN 2009, p.29).

Desta maneira, um dos fatos mais importantes é destacar esse “dever” que grande parte dos meios de comunicação tem: passar continuamente informações já interpretadas. Partindo desse pressuposto, surge à oportunidade de investigar se tudo o que estiver sendo noticiado é verídico ou até mesmo qual seria a melhor forma de se noticiar tal fato. Outra questão é a forma como se refere na citação a qual será inserida no contexto educacional, pois não se pode introduzir tais meios de qualquer forma, é necessário haver um planejamento prévio e um monitoramento periódico.

Não é importante que se utilize dos melhores e mais caros meios de comunicação e demais recursos audiovisuais. É de suma importância que se desenvolva atitudes e diferentes estratégias de aprendizagem estimulando a criatividade e propiciando maiores transformações. Conseguir-se-á maior êxito se em sua metodologia conseguir criar e desenvolver conexões com o cotidiano, com o inesperado, se transformar a sala de aula e qualquer outro ambiente que se desenvolverá o projeto em uma comunidade de investigação. Avançaremos mais se aprendermos a mudar sempre,



há aprender todo dia, a incorporar o novo, o inesperado, está aberto para sugestões, adaptações, valorizar as contribuições de cada um, estimulando o clima de confiança, de apoio, adaptar-nos às diferenças individuais, respeitar os diversos ritmos de aprendizagem, integrar as diferenças locais e os contextos culturais.

Tais tecnologias e os meios de comunicação podem e devem ser usados para promover a interação e a integração em grupo, estimulando e valorizando a pluralidade do conhecimento, extinguindo a centralização da informação elaborada e construída pelos meios de comunicação de massa, onde os receptores não mais seriam meros e apenas receptores, mas sim produtores, formadores de notícias e disseminadores de conteúdos diversos passando também a opinar, a expressar seu ponto de vista e contribuindo ativamente para a construção de conhecimento e pensamentos.

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações – transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos (MORAN 2009, p. 43).

Visto que a comunicação e a educação se interligam em diversos aspectos e intervenções sociais, surge a necessidade de um profissional que saiba articular e gerir projetos nessas áreas.

Sujeitos que atentos aos problemas da educação, tendo ciência dos mecanismos didático-pedagógicos e dos propósitos formadores não perdem de perspectiva as possibilidades facultadas pela comunicação (e seus dispositivos) e pelas novas tecnologias facultadas pela comunicação (e seus dispositivos) e pelas novas tecnologias (CITTELLI 2004, p. 21).

Surge então a necessidade do educador. Esse novo profissional que vêm sendo formado em 2 universidades brasileiras desde 2010, na Universidade de São Paulo sob a forma de licenciatura e na Universidade Federal de Campina Grande sob a forma de bacharelado, é o mais preparado para atuar em uma das áreas do novo campo. Apto para elaborar diagnósticos na inter-relação entre a educação e a comunicação coordenar gestões e ações que visem projetos na área, dar suporte aos educadores no



que tange aos processos comunicacionais, implementar e disseminar projetos de “educação para e pelos meios” entre outras diversas atividades que o mesmo pode auxiliar a desenvolver.

Essa inter-relação entre educação e comunicação traz um melhor aproveitamento tanto para educadores como para educandos. E constata-se também a relação comunicacional fora das escolas e de maneira totalmente educativa, como em projetos que são desenvolvidos em diversas ONGs que envolve comunicação, educação, meio ambiente e participação. Diferenças e práticas educomunicativas podem acontecer em diversos ambientes e, talvez, até de maneira mais nítida. Visto que quando se faz um produto de comunicação, seja um jornal, um vídeo, um blog ou um programa de rádio, trabalham-se diversos conteúdos e disciplinas e de maneira multidisciplinar, em locais totalmente interdisciplinares. Assim, trocam conhecimentos com outros campos, com outras pessoas advindas de diversos locais e culturas, estimulando a prática de troca e construção de ideias aliando a teoria e a prática obtendo-se bons resultados através de processos comunicativos e participativos.

Quando se fala na tríade comunicação, educação e participação é inevitável pensar em diversidade e transversalidade de ideias, opiniões, modos de ser e fazer. Isto é essencial para que todos os envolvidos nas atividades tenham vez e voz e que o projeto seja amplamente disseminado (FERREIRA 2005, p. 16).

Verifica-se que os projetos que envolvem meios de comunicação promovem a cidadania bem mais do que uma simples atividade ou projeto escolar. Visto que elas constituem propostas de transformação, participação social e elevação da autoestima no “aprender fazendo”, dando espaço para os participantes se expressarem. Quem tem contato numa produção de jornal ou vídeo, por exemplo, passa a ter uma postura mais crítica em relação aos demais veículos de comunicação. Trata-se de uma grande mudança que apresenta desafios à sociedade atual, que estimula todos a desenvolverem uma autonomia intelectual e emocional, isso proporciona a capacidade de sonhar e não sonhar com um mundo que falam e que afirmam que será melhor no futuro. Mas sim, um futuro onde todos possam ser autores e participem ativamente do processo de construção do conhecimento e troquem experiências para que diversas qualidades se desenvolvam tais como abertura para o outro de se expressar, diálogo na gestão de conflitos, encontrar soluções de interesse a coletividade e não apenas pra si etc., a partir



da capacidade de comunicação e atuação, isso a educomunicação tem condições de propor ao sistema vigente nos dias atuais.

Em meados da década de 1990 as diretrizes da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), já continha esta metodologia na educação formal e que o modelo tradicional de ensino abandonasse sua natureza teórica e que abrangesse mais uma visão interdisciplinar das de ensino. Com base nas três áreas de conhecimento (Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias).

A redação do Ministério da Educação, afirma, expressamente nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000, p. 82): “Importa ressaltar o entendimento de que as linguagens e os códigos são dinâmicos e situados no espaço e no tempo, com as implicações de caráter histórico, sociológico e antropológico que isso representa”. O documento diz ainda que: “relevante considerar as relações com as práticas sociais e produtivas e a inserção do aluno como cidadão em um mundo letrado e simbólico”. E isso leva a “no mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas (que se mostram articulados por múltiplos códigos) e, ainda, sobre processos e procedimentos comunicativos possibilitados pelas formas de linguagem, são, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada”.

Portanto, podemos constatar que o órgão mais importante e definidor das políticas públicas da educação aceita e propaga que os processos comunicativos possibilitados pela linguagem é uma das formas mais autênticas e que garante a participação ativa dos estudantes (espaços formais) e que podemos constatar também que nos diversos locais isso também ocorre (espaços não formais). Assim, todos estarão contribuindo para um mundo mais comunicativo, uma sociedade mais humana, solidária, cooperativista, e pacífica. Assumindo uma postura mais responsável, cientes de suas responsabilidades na construção de um mundo melhor e mais justo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se ter possibilitado aos leitores uma reflexão sobre o uso dos diversos meios de utilizar as mais variadas mídias nos espaços da educação formal e não formal como recursos que auxiliam na formação e atuação das pessoas na sociedade atual. Ao se planejar um projeto seja ele de qualquer área os participantes serão os protagonistas



na construção do conhecimento e obterão maior êxito se esses participarem ativamente do processo. A educomunicação surge para dar suporte e para apoiar e ampliar essas ações. As áreas da educomunicação propiciam uma visão privilegiada, ampla dos processos comunicacionais e por isso se faz necessária sua implantação e consolidação na sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é comunicação rural**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. 3ª Ed. São Paulo: SENAC, 2004.

FERREIRA, Fernando Rossetti. **Mídia e escola – Perspectivas para políticas públicas**. 1ª Ed. São Paulo: Unicef Brasil, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Ministério da Educação. **Lei de Bases e Diretrizes da Educação: Lei nº 9.394**. Brasília: 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 02/04/2013

Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em 14/02/2013

MORAN, José Manuel. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 15ª Ed. São Paulo: Papirus, 2009.



SOARES, Ismar Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio.** 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações.** **Comunicação & Educação.** São Paulo: ECA/USP - Editora Segmento, Ano VII, set/dez. 2000, nº 19.